



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MÁRCIA FERNANDA SALES DOS ANJOS

LINHA DE PESQUISA:

**METODOLOGIAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA
(ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO)**

**PONTOS DE REFLEXÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ESCOLA MONS.
ODILON ALVES PEDROSA**

**GUARABIRA-PB,
2017**

MÁRCIA FERNANDA SALES DOS ANJOS

**PONTOS DE REFLEXÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ESCOLA MONS.
ODILON ALVES PEDROSA**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades Osmar de Aquino – Campus III, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof^a Esp. Cléoma Maria Toscano
Henriques

**GUARABIRA-PB
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A245p Anjos, Márcia Fernanda Sales dos
Pontos de reflexões do estágio supervisionado na Escola
Monsenhor Odilon Alves Pedrosa [manuscrito] : metodologia do
ensino de geografia (ensino fundamental e médio) / Marcia
Fernanda Sales dos Anjos. - 2017.
41 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Cléoma Maria Toscano Henriques,
Departamento de Geografia".

1. Estágio Supervisionado 2. Ensino Geografia. 3.
Geografia Escolar. I. Título.

21. ed. CDD 910

MÁRCIA FERNANDA SALES DOS ANJOS

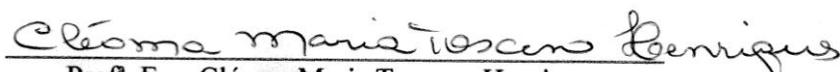
**PONTOS DE REFLEXÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ESCOLA
MONSENHOR ODILON ALVES PEDROSAS**

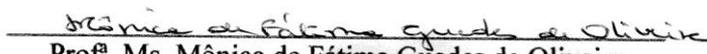
Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades Osmar de Aquino – Campus III, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia.

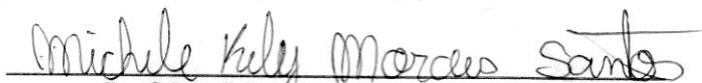
Orientadora: Profª Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques

Aprovado em, 31/07/2017

BANCA EXAMINADORA


Profª. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques
Departamento de Geografia/CH/UEPB
(Orientadora)


Profª. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Departamento de Educação/CH/UEPB
(Examinadora)


Profª Ms. Michele kely Moraes Santos.
Departamento de Geografia/CH/UEPB
(Examinadora)

GUARABIRA/PB
2017

A Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angustia e que me dá forças para seguir sempre! Em especial a minha família, e a minha filha amada Ana Luiza, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus que iluminou meu caminho durante esta caminhada, pela força e coragem de concluir cada semestre.

À minha família que sempre me apoiou nas horas de desânimo e cansaço.

À minha mãe Maria da Penha de Sales, minha heroína que sempre me mostrou o valor de continuar a estudar, que investiu em mim e nunca me deixou desistir.

Ao meu esposo Adailson, a pessoa com quem amo compartilhar minha vida, pela paciência, a compreensão, o companheirismo e o amor que recebo ao longo desses anos e por me trazer a paz na correria de cada semestre.

À minha filha, minha princesa Ana Luíza, que com sua chegada me motiva todos os dias a ser uma pessoa melhor e a buscar realizar minhas metas e objetivos, para que tenha um futuro brilhante e seguro.

À professora Cléoma Maria Toscano Henriques pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Aos professores que muito contribuíram para a minha formação.

Aos amigos Pedro, João e Marcos pelo companheirismo e ajuda constante. E a todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim fazendo esta vida valer a pena.

“Bons alunos são repetidores de informações, alunos fascinantes são pensadores” (Augusto Cury).

RESUMO

Este trabalho procura de forma breve e sucinta apresentar algumas reflexões sobre a vivência do Estágio Supervisionado realizada na Escola Estadual Mons. Odilon Alves Pedrosa na cidade de Sapé. Essas reflexões pretendem mostrar uma pequena parte do que pode-se perceber, viver e experimentar durante o momento em que o estagiário observa e rege aulas no ensino médio. Para tanto foi necessário recorrer a autores que tratam sobre temas como Estágio Supervisionado, ensino de geografia e o próprio processo ensino-aprendizagem. Entre esses autores destaca-se: CALLAI (2010), CASTELLAR (1999), CASTROGIOVANNI (2007), PASSINI (2010) E VESENTINI (2009). Por isso ao produzir esse trabalho a pesquisa bibliográfica e a vivência prática caminharam juntas se complementando. Houveram algumas etapas desde a orientação na universidade, a pesquisa bibliográfica até a vivência e produção de um relatório que deu base para esse trabalho. A produção desse trabalho acadêmico seguiu alguns passos que teve início nas aulas teóricas do componente curricular, onde a professora deu as primeiras orientações. Em seguida o contato com a escola do estágio, quando foi feito todo levantamento sobre a mesma, nos momentos seguintes as observações e regências das aulas no 2º ano ensino médio. Posteriormente foi produzido o relatório que serviu como base dessa monografia. Nela pode-se mostrar um pouco sobre as vivências do estágio sobre uma ótica de quem o realizou. Essas vivências colaboram para várias reflexões aqui apresentadas.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado, Ensino, Geografia escolar.

LISTA DE QUADROS

Quadro1 – Competências e habilidades (adaptada)	22
Quadro2 – Funcionários do EEMOAP	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EEMOAP	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odilon Alves Pedrosa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1	O Estágio Supervisionado e sua importância	15
2.2	O Ensino da Geografia e o papel do professor	17
2.3	Geografia no Ensino Médio na perspectiva dos PCN's	20
2.4	Planejamento e avaliação	23
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
4	ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELATOS E RELEXÕES	27
4.1	Caracterização da escola	27
4.2	Relatos sobre as regências no estágio supervisionado	29
4.3	Algumas reflexões sobre a experiência do Estágio Supervisionado vivenciado no EEMOAP	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é componente obrigatório na formação de qualquer profissional da educação, como está previsto na Lei de Diretrizes da Educação Nacional (9394/96), pretende-se aqui abordar o que a vivência do estágio contribui na formação do futuro docente. Essa reflexão parte da experiência vivenciada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odilon Alves Pedrosa.

Por esse motivo Estágio Supervisionado não pode ser considerado apenas como mais um componente curricular obrigatório, pois, é momento especial do contato do licenciando com a sala de aula. O futuro professor vai fazer uso daquilo que estudou na academia de forma didática e organizada.

A formação do futuro docente passa diretamente pela preparação acadêmica e pelo viés prático desenvolvido no momento do estágio. Por isso refletir sobre ele é de suma importância, tendo em vista as grandes mudanças que ocorrem atualmente na sociedade e influenciam diretamente a escola, desafiando os professores e a própria escola.

A academia, a escola, os professores e a comunidade escolar vivem tempos de mudanças rápidas e de expansão das tecnologias. As práticas pedagógicas também devem mudar e atender satisfatoriamente as necessidades dos alunos. É tempo de refletir a prática docente. “Os professores devem, portanto, refletir e repensar sua prática e vivências em sala de aula, com a mudança e a incorporação de novos temas no cotidiano escolar.

Um outro ponto importante é a necessidade de todos os sujeitos do processo ensino-aprendizagem se avaliem e através dessa atitude possam melhorar cada vez mais, essa é uma das atitudes que podem fazer a diferença no processo educativo.

E quando se trata do ensino de Geografia, o estágio é uma oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos pela leitura e discussões relacionados a prática de ensino e a partir disso torna a Geografia escolar mais interessante e interessada.

Este trabalho é fruto de uma vivência do Estágio Supervisionado, mas também da reflexão a partir da leitura de alguns autores que se empenham em estudar a questão do ensino de geografia entre eles estão CALLAI (2010), CASTELLAR (1999), CASTROGIOVANNI (2007), PASSINI (2010) E VESENTINI (2009). Por isso ele visa refletir sobre as experiências durante a observação das aulas e especialmente no momento da regência. Momentos que marcam a vida acadêmica do futuro docente e que deve ser pensada como oportunidade de aprender e ensinar.

O Estágio Supervisionado foi vivenciado no ensino médio no ano de 2014, entre aulas observadas e regências de aula, em uma turma do 2º ano, na Escola Estadual de ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odilon Alves Pedrosa, localizado no centro da cidade de Sapé-PB.

Assim inicialmente será apresentado a reflexão partindo das leituras acerca do tema vivência de Estágio e a sua contribuição na formação docente. Dando continuidade haverá a narração e reflexão sobre a experiência da autora no Estágio Supervisionado no ensino médio em 2014, mostrando alguns pontos importantes nesse momento de contato com a escola e sobre tudo no momento de reger as aulas.

Apresenta-se nesse trabalho as nuances e sutilezas do trabalho pedagógico no interior da escola: as dificuldades do trabalho docente, a reflexão sobre as metodologias de ensino e as avaliações, a contribuição para o aprendizado do futuro docente e a observação e reflexão sobre o trabalho realizado na escola e a sua relação com os alunos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A abordagem de temas relacionados ao ensino de qualquer ciência requer que sejam embasados em fontes teóricas que deem sustentação a pesquisa. Por isso para o presente trabalho baseou-se nas ideias de vários autores da área do ensino da Geografia COMO CALLAI (2010), CASTELLAR (1999), CASTROGIOVANNI (2007), PASSINI (2010) E VESENTINI (2009).

Esses autores indicam os desafios de uma Geografia escolar que atenda as reivindicações da sociedade no contexto histórico em que vivemos. Cada um deles propõe reflexões acerca do ensinar geografia. Por esse motivo considera-se importante refletir as ideias deles e relacioná-la ao que foi vivenciado no estágio supervisionado que é esse primeiro contato concreto com a prática docente.

2.1 O Estágio Supervisionado e sua importância

Em todos os cursos de licenciaturas os estágios supervisionados são parte considerável e constitutiva do currículo. Isso se deve a ideia de que a formação docente deve contemplar a teoria e a prática. “Estão presentes em todos os cursos de licenciaturas, e devem ser considerados como instrumentalização fundamental no processo de formação profissional de professores” (SAIKI & GODOI, 2010).

A Lei 9394/96 que define Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) prevê a obrigatoriedade do Estágio Supervisionado em seu artigo 61, parágrafo único, inciso segundo com a seguinte redação:

A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

- I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;
- II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;
- III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades (BRASIL, 1996).

O Estágio Supervisionado é parte fundamental da formação docente. É o início de uma nova fase na vida do licenciando. Fase essa que é marcada por um desafio: após a observação atenta no ambiente escolar da prática pedagógica de professores que já vivem à docência,

colocar em prática a teoria estudada na universidade. Por isso é um momento especial de aprendizado, através do contato com espaço da escola e com a prática de ensino.

Ao passo que o estágio deve constituir-se em momento no qual os licenciandos poderão compreender as nuances e sutilezas presentes no espaço escolar que conformam os limites e as possibilidades da atuação docente. O estágio desenvolvido na escola básica, concebido dessa forma, se estabelece, no processo formativo, como oportunidade ímpar de aprender com os estudantes, professores e todos os demais sujeitos que se encontram nesse espaço (OLIVEIRA, 2014, p. 20).

Assim como a autora acima afirma, o Estágio Supervisionado é parte do processo formativo de um futuro professor. Neste sentido, ele não pode ser resumido a simples componente curricular obrigatório do curso de licenciatura. Esse é um momento de pleno aprendizado e melhor ainda oportunidade de aprender a ensinar. Assim como afirma a doutora Helena Copetti Callai ao refletir sobre a importância formação de professores: “(...) é importante descobrir como o professor aprende para ensinar” (CALLAI, 2010, p.15).

É o momento privilegiado da prática do que o futuro docente estudou na teoria e nos debates da academia. “Nos estágios supervisionados colocamos a teoria em prática. (...)O que acontece é a articulação prática ⇔ teoria ⇔ prática ⇔ teoria” (SAIKI E GODOI, 2010, p. 27). Os autores ainda afirmam que essa relação é infinita.

É o estágio tanto de observação e participação, como regência, possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para forma o profissional. O ensino fundamentalmente baseado na relação entre experiência acumulada na prática e teoria construída, que a fundamenta direta ou indiretamente (SAIKI E GODOI, 2010, p. 29).

Nesse sentido pode-se compreender que o estágio tem um aspecto muito peculiar. Ele dar ao licenciando a oportunidade de experienciar a prática docente, desde a observação, passando pelo planejamento até a aplicação prática daquilo que ele estudou e planejou, que é o momento da regência. Mas, há de se ter cuidado o estágio não deve reproduzir a tendência pedagógica tradicional da transmissão de conteúdo.

PELOZO (2007) explica que não podemos compreender o momento do estágio apenas sobre o viés técnico de como ensinar conteúdo. O estágio tem o sentido de interação baseada em aprender ensinando e ensinar aprendendo, pois, tudo no espaço da sala de aula é repleto de aprendizado, conforme OLIVEIRA (2014) explica em relação em relação a aprender com todos os sujeitos do espaço escolar.

A relação entre a universidade, a escola da Educação básica e o estagiário também influencia diretamente no desenvolvimento do estágio supervisionado. É necessário que a academia e a escola tenham uma relação de integração, numa colaboração mútua. A escola do estágio integrada com a universidade vai receber bem o estagiário e os professores regentes

orientaram o trabalho deles. Assim estarão contribuindo para formação de um profissional docente cada vez mais capacitado, o que futuramente ajudará a própria escola.

O diálogo com a escola hospedeira tem caráter de uma negociação, porque precisamos considerar as necessidades dos estagiários em sua formação inicial, as necessidades dos professores e alunos da escola básica e as circunstâncias limitadoras de tempo e do sistema. Inicialmente precisamos conhecer os projetos pedagógicos e pessoais daqueles que trabalham e estudam na escola hospedeira (PASSINI, 2010, p. 34).

A autora ainda trata da questão dos estagiários serem vistos como intrusos a cada ano letivo e explica que só com projeto de parceria é que isso seria possível. Ouvir os professores regentes e com eles negociar de forma respeitosa e flexível. Essa relação de colaboração é essencial para o sucesso do estágio.

Outro aspecto importante para a realização do estágio supervisionado com êxito é o contato com escola do estágio. Nesse sentido é imprescindível tentar conhecer a realidade da escola e do público que ela atende. “Para tanto o estagiário deve antes promover um diálogo com a escola do estágio procurando conhecer a sua realidade” (ARAÚJO, 2012, p. 12).

E por último, mas não menos importante é necessário entender que o estágio supervisionado não vai dar todo o conhecimento didático-pedagógico para a formação de um bom professor, mas vai contribuir para tal. Isso porque o aprendizado é contínuo, ou seja, se aprende antes, durante e depois do estágio e se continua aprendendo quando já se é professor.

2.2 O Ensino da Geografia e o papel do professor

É necessário refletir como está se dando o ensino da Geografia escolar. Sabe-se que as práticas pedagógicas de alguns professores ainda são muito marcadas pela tendência tradicional de ensino, baseada na transmissão e memorização de informação sem quase nenhuma reflexão. Um ensino marcado pela rigidez curricular e didático e pelo que não faz o aluno ver utilidade na geografia ensinada.

Nesse sentido FERRETI (2012) deve-se deixar de lado esse tipo rígido, reprodutor e linear e adotar novos métodos pedagógicos que realmente produzam conhecimento. A autora ainda faz alguns questionamentos em relação ao ensino da Geografia: “Mas como ensinar? Que práticas de ensino utilizar? Como aliar conteúdo aos suportes tecnológicos disponíveis (...) ? (FERRETI, 2012, p. 30).

Não resta dúvida que na era tecnológica que vivemos as informações são repassadas de forma muito rápida e por isso é necessário que a escola e os professores de geografia

tenham sobre a forma como estão ensinando. Essa reflexão é muito importante, pois, só assim os professores poderão desenvolver melhores práticas pedagógicas.

Não é, portanto, simplesmente passar conteúdos disponibilizados em forma de informações como tem sido ainda a tendência de entendimento da Geografia. Pode ser muito mais que isso, na medida em que se considera que formar pensamento espacial pode ser um argumento para estudar os conteúdos. Estes, por seu lado, podem ser argumentos para desenvolver o pensamento espacial (CALLAI, 2009, p.16).

O ensino da Geografia na atualidade não pode estar atrelado a apenas repassar conteúdos programáticos, mas deve ter como objetivo desenvolver nos alunos habilidades e competências que contribuam para a compreensão das dinâmicas espaciais do mundo em que vivem, conforme nos indica os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

Confirmando essa ideia CALLAI (2009) explica que tanto a ciência geográfica quanto a Geografia escolar busca entender o espaço produzido pelo homem. Isso é o pensar geográfico que o ensino dessa disciplina escolar deve incentivar. A autora continua explicando que o ensino da geografia deve ser problematizado e contextualizado de forma que o aluno possa entender qual o sentido das informações que estão sendo passadas para ele.

CASTELLAR (2010) afirma que os desafios dos professores de geografia da atualidade giram em torno de superar um ensino estático, inerte e ineficaz. Ela aborda a necessidade de uma formação cidadã na qual a Geografia pode contribuir grandiosamente. Mas para que isso aconteça é importantíssimo investir numa formação docente transdisciplinar com uma fundamentação pedagógica sólida.

A autora ainda explica que o sucesso do processo de ensino-aprendizagem está na relação entre o ensinar e o aprender. Assim se faz necessário pensar a prática pedagógica como algo inovador e dinâmico. Não é interessante o ensino da Geografia de forma passiva e tradicional. Por isso Callai (1999) pergunta que tipo de aulas estão sendo dadas e explica que muitas vezes a Geografia parece apenas coisas de livros.

O doutor VESENTINI (2009) afirma “Repensando a Geografia escolar para o século XXI” que o modelo de Geografia a ser ensinada no século XXI não pode ser aquele da Geografia tradicional, “isto é, alicerçada no esquema “a Terra e o Homem” Esta tem como escopo primordial a memorização de informações sobrepostas” (VESENTINI, 2009, p. 89).

Além disso o autor explica qual deve ser a atitude do professor nesse contexto de ensino para o século XXI. Ele diz que “o bom mestre não é o que doutrina(...). Pelo contrário é aquele que auxilia para que o jovem se torne um ser autônomo” (VESENTINI, 2009, p. 89). Ao continuar ele afirma que o aluno deve ser capaz de ter suas opiniões e expressá-la, mesmo quando contrariam o professor.

Ao refletir sobre o ensino da Geografia na atualidade não se pode deixar de pensar o papel do professor nesse processo. Ele é desafiado a desenvolver novas posturas na sua práxis pedagógica. Uma práxis que o apresente não mais como detentor do conhecimento, mas como mediador no processo de ensino-aprendizagem para que “ele possa desenvolver junto aos seus alunos educação crítica, reflexiva, emancipatória e cidadã (COSTA, 2010, p. 2).

Nessa época de intensas mudanças o ensino da Geografia também é influenciado diretamente e sofre mudanças, bem como, a práxis docente. “A forma de ensinar essa disciplina muda, então, de formato, destacando um professor que aprende e ensina apoiado em um conjunto de tecnologias” (FERRETTI, 2012, p.12).

Assim o trabalho docente para atualidade vai aos poucos perdendo o viés transmissivo, hierárquico e de memorização e vai se tomando uma postura de mediação e de produção de conhecimentos. Essa produção de conhecimento é marcada pelo aspecto da coletividade e da mediação do professor. Ele passa a não mais transmitir e sim a criar oportunidades de aprendizado através de atividades desafiadoras.

Desenvolver um trabalho em sala de aula pressupõe que o professor tenha uma postura de mediador, de atuar propondo problemas para que o aluno, a partir do seu conhecimento prévio, possa, no grupo, criar situações-problema e desafios, transformando o conhecimento de senso comum em conhecimento científico. Uma atuação que não leve em conta essas questões está fadada a criar no aluno a desmotivação, porque não permite que ele aprenda (CASTELLAR, 1999, p. 55).

A autora ainda chama a atenção no que diz respeito a consciência que o professor deve ter em repensar a sua prática docente, deixando de lado as atividades de cunho conteudista. Ela explica que essas atividades desmotivam os alunos, pois, não permitem que eles aprendam. Em seguida Castellar ainda explica a importância de selecionar bem os conteúdos e de planejar as aulas, articulando bem os conceitos a serem trabalhados.

Nessa mesma linha o doutor Antônio Carlos Castrogiovanni, alerta para o cuidado com uma Geografia escolar desinteressada e desinteressante presente na prática pedagógica de muitos professores. Ele incentiva uma Geografia que leve os sujeitos do processo-ensino aprendizado a uma reflexão sobre as ações dos homens.

Muitos ainda acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elementos de uma cultura que necessita da memória para reter nome de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nesta primeira década do século XXI, a Geografia, mais do que nunca, coloca seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 42).

O ensino de Geografia na perspectiva apresentada pelo autor requer do professor formação contínua, dedicação a pesquisa e comprometimento com a construção de novas práticas pedagógicas. Não é fácil, mas é necessário. “O desafio, portanto, é traçar um plano de

ensino inovador, que terá como propósito tornar a geografia escolar mais significativa para os estudantes” (CASTELLAR, 2010, p. 43).

2. 3 Geografia no Ensino Médio na perspectiva dos PCN's

No Brasil alguns documentos servem de referenciais para o ensino médio. Não são leis ou regras a serem obrigatoriamente cumpridas a rigor, mas orientam o processo de ensino-aprendizagem dando uma unidade curricular e procedimental nacional. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) é o primeiro documento norteador da ação curricular no âmbito pedagógico para o ensino médio e o segundo, mas não menos importante, são as Orientações curriculares para o ensino médio.

Esses documentos propõem que os alunos do ensino médio desenvolvam, através de metodologias pedagógicas inovadoras e de um currículo coeso, competências e habilidades que lhes proporcionem uma educação permanente e não apenas um aprendizado tecnocrático. As competências e as habilidades desenvolvidas devem servir como base para a sua vida em sociedade e no mundo do trabalho.

A educação permanente e para todos pressupõe uma formação baseada no desenvolvimento de competências cognitivas, sócio afetivas e psicomotoras, gerais e básicas, a partir das quais se desenvolvem competências e habilidades mais específicas e igualmente básicas para cada área e especialidade de conhecimento particular. (...) Elas apenas norteiam a seleção dos conteúdos, para que o professor tenha presente que o que importa na educação básica não é a quantidade de informações, mas a capacidade de lidar com elas, através de processos que impliquem sua apropriação e comunicação, e, principalmente, sua produção ou reconstrução, a fim de que sejam transpostas a situações novas (BRASIL, 2000, p. 11).

As Orientações Curriculares para o ensino médio enfatizam a importância de desenvolver competências e habilidades, dizendo:

No processo de aprendizagem é necessário desenvolver competências e habilidades, para que tanto professores como alunos possam comparar, analisar, relacionar os conceitos e/ou fatos como um processo necessário para a construção do conhecimento. (...) para o entendimento do espaço geográfico como objeto da Geografia, chegando às linguagens e às dimensões do espaço mundial, permitindo ao professor e ao aluno articular a capacidade de compreender e utilizar os conteúdos propostos (BRASIL, 2006, p. 45).

Inicialmente é necessário pensarmos que a fase que estamos vivendo é de mudanças constantes, rápidas e intensas. Graças as tecnologias da comunicação as informações se espalham rapidamente e os alunos tem acesso a uma enorme variedade de informação. Por isso as Orientações Curriculares para o Ensino Médio explicam:

Com as novas tecnologias de informação, com os avanços nas pesquisas científicas e com as transformações no território, o ensino de Geografia torna-se fundamental para a percepção do mundo atual. Os professores devem, portanto, refletir e repensar

sua prática e vivências em sala de aula, com a mudança e a incorporação de novos temas no cotidiano escolar (BRASIL, 2006, p. 43).

As Orientações Curriculares apresentam a Geografia como uma disciplina que é de fundamental importância para que o aluno compreenda as transformações do mundo atual. Em um contexto da sociedade que vive a fase mais avançada da globalização o ensino dessa disciplina deve proporcionar ao aluno pensar o espaço em suas várias escalas e perceber o que ocorre ao seu redor como reflexo do que está acontecendo no mundo, como por exemplo, o processo de urbanização da cidade é reflexo de um processo em escala maior.

Nesse contexto os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para o Ensino médio na área de Ciências Humanas e suas tecnologias, especificamente ao tratar da Geografia, aponta três temas essenciais para serem trabalhados pela geografia nesse contexto que estamos tratando, seriam eles: a técnica, as redes e a globalização. Isso porque esses três temas como o espaço geográfico vem sendo produzido e reproduzido.

Este conjunto de conceitos-chave não deve ser entendido como uma listagem de conteúdo ou um receituário, mas como elemento norteador da organização curricular e da definição das competências e habilidades básicas a serem desenvolvidas no Ensino Médio, a partir dos referenciais postos pelo conhecimento científico da Geografia (BRASIL, 2000, p. 34).

Para os Parâmetros, é fundamental que o professor valorize a vivência do aluno para que ele possa perceber que a Geografia faz parte do seu cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula a sua experiência. Dessa forma, por meio da interação, professores e alunos poderão procurar entender que tanto a sociedade como a natureza constituem os fundamentos com os quais paisagem, território, lugar e região são construídos.

Para isso, é preciso que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar inúmeros procedimentos geográficos. No entanto, o educador não deve trabalhar hierarquicamente do nível local ao mundial: o espaço vivido pode não ser o real imediato, pois são muitos e variados os lugares com os quais os alunos têm contato e, sobretudo, sobre os quais são capazes de pensar. Principalmente, nos dias atuais, em que a televisão e os computadores permitem que os alunos interajam ao vivo com diferentes lugares do mundo.

Pensando nisso, o professor deve ensinar a Geografia, de forma mais aprofundada, já que atualmente os alunos podem construir compreensões e explicações mais complexas sobre as relações que existem entre aquilo que acontece, no lugar em que vivem, e o que se passa em outros lugares do mundo. Da mesma forma, os problemas socioambientais e econômicos podem ser abordados a fim de promover um estudo mais amplo de questões sociais,

econômicas, políticas e ambientais relevantes. Isso fará com que o aluno perceba que ele próprio é parte integrante do ambiente, como agente ativo e passivo das transformações das paisagens terrestres.

Para que sejam trabalhados esses temas e o demais os PCN's e as Orientações curriculares para o ensino médio propõem que nas aulas de geografia sejam trabalhadas de atividades que façam com que os alunos possam desenvolver competências e habilidades diversas. Para melhorar ilustrar isso fizemos um quadro que resume e adapta o que é indicado pelos dois documentos citados no início deste parágrafo.

QUADRO 01- COMPETÊNCIAS E HABILIDADES (ADAPTADA)	
Competências	Habilidades
Capacidade de articulação de conceitos da geografia	Articular através da observação, descrição, organização de dados e informações, conceitos da Geografia de acordo com a escala espacial.
Capacidade de entender o Espaço geográfico como produto das interações entre sociedade e natureza;	Perceber que fazemos parte do espaço geográfico e da sociedade em que formamos uma identidade pessoal produto de uma identidade coletiva; Analisar os espaços considerando a diversidade de eventos da natureza e da sociedade. Observar se há predomínios de um ou de outro tipo de origem de evento.
Domínio da linguagem geográfica	Utilizar mapas e gráficos resultantes de diferentes tecnologias. Reconhecer variadas formas de representação do espaço: cartográfica e tratamentos gráficos, matemáticos, estatísticos e iconográficos.
Capacidade de entender o impacto das tecnologias e a sua importância na vida da sociedade.	Compreender que “esses recursos, desenvolvidos para atender necessidades no campo da produção econômica e da circulação de mercadorias e informações, foram responsáveis por darem aos homens a sensação de controle do tempo”. Reconhecer as dimensões de tempo e espaço na análise geográfica Tentar ao máximo humanizar o uso das novas tecnologias, recolocando o homem no centro dos processos produtivos e sociais.
Estimular o desenvolvimento do espírito crítico	Identificar as contradições que se manifestam espacialmente, decorrentes dos processos produtivos e de consumo. Agir de forma consciente e reflexiva, embasada nos conhecimentos sobre o homem e a sociedade. Compreender o humano em uma perspectiva intersubjetiva: como sujeito que realiza e se inscreve nos processos sócio históricos de forma autônoma. Desenvolver uma relação de respeito e convivência, que rejeita toda forma de preconceito, discriminação e exclusão.

FONTE: da autora, 2017.

2.4 Planejamento e avaliação

O ato de planejar é um elemento essencial e constitutivo de um bom estágio supervisionado e de um processo de ensino-aprendizagem de qualidade. O planejamento é uma ação não só da área pedagógica, mas também da área administrativa da escola. Assim é dever do professor regente, do estagiário, da gestão escolar e da universidade planejar suas ações em todos os aspectos. “ Qualquer projeto ou trabalho exige um planejamento, e em relação às escolas acontece o mesmo” (SCANDELAI, 2010, p. 58).

O planejamento ocorre em vários âmbitos. Ele está presente nas orientações nas aulas de estágio na Universidade, na escolha da escola, no momento de contato com a gestão da escola e com o professor regente, no momento que o licenciando anterior a regência. E há vários níveis de planejamento: o planejamento escolar, o planejamento curricular, o planejamento de ensino e o plano de aulas.

Ao falar de planejamento escolar LIBÂNEO (2008) explica que escola prever a sua ação para atender os objetivos, dentro da realidade vivida pela escola. Ele diz que esse processo se refere a uma antecipação da prática e que não se restringe a um momento de traçar um plano, mas que deve estar em contínua reflexão e ação. Esse processo de previsão do que, do quando e do como fazer tem um caráter flexível e participativo.

O planejamento escolar atende, em geral, às seguintes funções:

- Diagnóstico e análise da realidade da escola: busca de informações reais e atualizadas que permitam identificar as dificuldades existentes, causas que as originam, em relação aos resultados obtidos até então.
- Definição de objetivos e metas compatibilizando a política e as diretrizes do sistema escolar com as intenções, expectativas e decisões da equipe da escola.
- Determinação de atividades e tarefas a serem desenvolvidas em função de prioridades postas pelas condições concretas e compatibilização com os recursos disponíveis (elementos humanos e recursos materiais e financeiros) (LIBÂNEO, 2008, p. 150).

Ao tratar do planejamento curricular o autor supracitado explica a questão do projeto pedagógico - curricular é ao mesmo tempo instrumento e processo para que a escola possa se organizar em relação a sua ação pedagógica, ou seja, aquilo que a escola vai trabalhar com seus alunos, como ela vai ser, que metas ela pretende alcançar e se essas metas correspondem às necessidades da comunidade escolar.

O planejamento de ensino é feito pelo professor e leva em consideração o planejamento pedagógico-curricular. Há então um afunilamento do planejamento, que inicialmente foi feita por todos da escola e depois cada professor construirá um plano de

ensino. “Esse plano deve explicitar os objetivos, os conteúdos, as competências, o desenvolvimento metodológico, a avaliação” (LIBÂNEO, 2008, p. 196).

O plano deve ser coerente, ou seja, articular de uma maneira lógica o conteúdo e a forma de perseguição dos objetivos propostos. A avaliação, como parte do processo de ensino e aprendizagem, também deve ser planejada para que consigamos saber se os objetivos estão sendo alcançados (SCANDELAI, 2010, 59).

O plano de aula é o nível de planejamento mais particular do professor. É algo indispensável as ações pedagógicas, pois, nesse documento estão traçados os passos que o professor vai dar para abordar determinado conteúdo e desenvolver um determinado conhecimento novo para o aluno. Assim como o plano de ensino ele tem que ser flexível e de acordo com as circunstâncias devem receber alterações.

O plano de aula é o detalhamento do plano de ensino específico para uma aula. Ele pode ser um documento escrito, no qual estão contidos os objetivos, os recursos, os procedimentos, a dinâmica, e avaliação. O plano de aula é quase um documento particular do professor, no qual ele coloca a ordem das ações que pretende adotar na aula, com detalhes sobre recursos a serem utilizados em cada etapa do processo, as atividades possíveis etc (SCANDELAI, 2010, p. 60).

Nesse sentido é importante ressaltarmos que o planejamento em qualquer dos níveis deve levar em consideração os sujeitos da ação pedagógica. Saber as condições da comunidade escolar, partir do conhecimento prévio do alunado e trabalhar com as suas opiniões e seus anseios sem perder o foco de onde se quer chegar.

No estágio supervisionado não é diferente, pois, é dever do estagiário construir pelo menos o plano de aula, quando ele for desenvolver a regência. Inicialmente, quando ele vai apenas fazer observação, deve se interessar por ver como o professor regente vai desenvolver os conteúdos, através da observação dos planos de ensino e de aula do mesmo e também pelo planejamento diário, uma vez que acontecem imprevistos no cotidiano escolar que levam o professor a modificar seus planos.

Isso vai poder ser observado pelos estagiários quando eles começarem a fase regência. A escolha de um conteúdo, a turma em que vai passar esse conteúdo, as metodologias e os recursos que vão ser utilizados e a avaliação, fazem parte do planejamento. Tudo isso vai estar contido no plano de aula, que estará ligado ao plano de ensino do professor regente.

O Estágio Supervisionado sem o planejamento e sem conhecimento do ambiente escolar torna-se uma prática desorganizada. É preciso que antes da regência o estagiário conheça a escola, o seu Projeto Político Pedagógico, entre em contato com professor regente, observe suas aulas e planeje com cuidado a sua regência (ARAUJO, 2012, p. 13).

Um elemento muito importante do planejamento é a avaliação. Ela é um elemento constitutivo do plano de ensino e do plano de aula de cada professor e merece muita atenção para que não seja instrumento de exclusão e de punição alunos. Muitas vezes tem como

objetivo apenas classificar e selecionar. LUCKESI (2002) explica que o ato de avaliar é diferente do ato de examinar e que na maioria das vezes os professores aplicam exames pensando que estão avaliando.

Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva. O ato de examinar, por outro lado, é classificatório e seletivo e, por isso mesmo, excludente, já que não se destina à construção do melhor resultado possível; tem a ver, sim, com a classificação estática do que é examinado (LUCKESI, 2002, p. 82).

O autor ainda explica que a palavra “avaliação” vem do latim, prefixo “a” e verbo “valere”, que significa “dar preço a” ou “atribuir qualidade a”. Ele argumenta que toda avaliação para ser realmente avaliação tem que ser qualitativa. Para o autor não existe avaliação quantitativa, levando a sério o significado da palavra.

Nesse sentido, segundo LUCKESI (2002), não se pode confundir nota a avaliação. Mas, é assim que a prática cotidiana da escola representa a avaliação. Não é que a avaliação não possa ser representada numericamente, no entanto elas escondem em si o verdadeiro sentido de avaliar. Então como avaliar?

(...) O que deve nortear essa missão, no entanto, não é a ideia de verificar a quantidade de informações que os alunos conseguiram memorizar, mas, sim, a percepção de como eles estão aplicando o que aprenderam a fim de construir seus próprios conceitos sobre o tema estudado e usá-los em seu cotidiano. A avaliação só tem sentido quando é qualitativa e contínua (FERRETI, 2012, p. 26).

A avaliação deve ocorrer numa perspectiva formativa e contínua. Assim não basta apenas examinar, conforme explica LUCKESI (2002), mas deve-se observar o desenvolvimento dos alunos em seus diversos aspectos, ou seja, tem que levar em conta a integralidade do processo ensino-aprendizagem. Quando a avaliação é feita dessa forma há como perceber o que está dando errado no processo.

quando a avaliação se transforma em um instrumento auxiliar do ensino, ela passa a exercer sua verdadeira função, que é a de avaliar conhecimentos, conteúdos ensinados, objetivos propostos e alcançados, ou seja, avaliar aquilo que o aluno aprendeu, acompanhando sempre o processo como um todo.

A avaliação pode se dar de várias formas e com a utilização de instrumentos diversificados (investigações, observações, provas, testes, trabalhos, exercícios, relatórios de campo etc.), de acordo com as diversas concepções e posicionamentos teórico-metodológicos de cada um.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho é produto de experiências vivenciadas nas regências de aulas da disciplina Estágio Supervisionado. Mas, para que ele chegasse a ser produzido foi seguido um roteiro metodológico. Nesse roteiro estava dividido em quatro etapas principais. Cada uma dessas etapas era distinta, porém, interdependentes.

A primeira etapa foi a orientação dada nas aulas de estágio e as discussões acerca do ensino e da aprendizagem. Esse momento ocorreu ainda na universidade e contou com a participação coletiva e a mediação da professora responsável pelo componente curricular, quando ela deu algumas instruções burocráticas e apresentou um pouco da sua experiência, dando boas orientações na preparação da turma de estagiários e futuros docentes.

A segunda etapa foi o planejamento das regências quando houve o levantamento das informações referentes a escola, a observação do espaço, a conversa com a gestão escolar e com o professor regente e o levantamento bibliográfico ligado ao estágio, como por exemplo, o ensino médio, os desafios da prática docente e os elementos que compõe essa prática.

Esse momento foi fundamental, pois, houve a escolha do tema a ser trabalhado na sala de aula e a formulação do plano de aula. A preparação do material a ser utilizado nas aulas e a preparação teórica em relação ao tema escolhido. É fase de previsão e organização do que será realizado durante as regências. Graças à boa preparação ocorrida nessa etapa é que as aulas foram bem desenvolvidas.

A terceira etapa foi a vivência do Estágio Supervisionado através da regência de aulas, ou seja, a aplicação prática daquilo que foi orientado, discutido e pesquisado. Em cada aula eram percebidas situações desafiadoras e vividas novas experiências. Essa etapa contribuiu de forma fundamental para a construção desse trabalho, que parte exatamente das experiências vividas nela.

E por último, mas não menos importante, chega-se a quarta etapa que é a produção desse trabalho acadêmico. Nesse momento fez-se um apanhado de tudo o que foi pesquisado, discutido, planejado, vivenciado e por fim relatado no trabalho final do componente curricular. Tudo isso serviu como material para produzir o presente trabalho, que em muitas ocasiões voltou a consultar as fontes consultadas e a pesquisar outras no intuito de sempre melhorá-lo.

4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELATOS E RELEXÕES

O Estágio Supervisionado é um momento especial na vida de quem pretende atuar na docência, mas, como já foi dito anteriormente, ele não pode ser considerado apenas um componente curricular obrigatório. É no estágio que todo profissional consegue a experiência inicial para atuar em sua área de formação. “Nos Estágios Supervisionados colocamos as teorias em prática” (SAIKI & GODOI, 2010, p. 27).

Os relatos e reflexões deste trabalho referem-se ao Estágio Supervisionado vivenciado no ano de 2014, numa turma do 2º ano do ensino médio noturno da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odilon Alces Pedrosa, na cidade de Sapé-PB.

4.1 Caracterização da escola

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odilon Alves Pedrosa, mas conhecida como EEMOAP, está localizada na Rua Padre Zeferino Faria, nº 375, no centro da cidade de Sapé-PB. Esta cidade fica na Zona da Mata Paraibana, especificamente na latitude 07°05' 47'' Sul e longitude 35° 13' 58'' Oeste, a 125 metros de altitude.

A supracitada escola tem uma grande contribuição na educação do município de Sapé e do estado da Paraíba, pois, na área do município existem 116 escolas somando as públicas e as escolas privadas e entre essas escolas se destaca o EEMOAP por ser a maior do município, com a extensão de 4.937 metros e por atender 2.136 alunos matriculados.

FOTO 1- FRENTE INTERNA DA ESCOLA



Fonte: Da autora, 2014.

O município de Sapé tem uma área territorial de 316,33 km² com uma população estimada em 50.151 habitantes. Além disso é o polo comercial da microrregião que leva o seu nome e há muito tempo recebeu o título de cidade do abacaxi. Nesse município se instalam diversas lojas de grande porte e também muitos alunos veem dos municípios vizinhos para estudar nas escolas estaduais. Assim a cidade além de polo comercial também, de certa forma, polo de educação básica e técnica com alguns cursos sendo ofertados pela iniciativa privada.

Ela tem mais de 60 anos de serviços prestados, sendo fundada em 1954 pelo professor e diretor na ocasião, o Professor Emanuel Amaro, o nome da escola foi uma homenagem ao Padre Monsenhor Odilon Alves Pedrosa. Todos esses anos de trabalho da escola lhe garantiram o reconhecimento por sua importância na cidade e também para os municípios vizinhos.

A escola apresenta uma ampla e conservada estrutura predial formada pelos seguintes ambientes: uma secretaria, uma diretoria, uma sala dos professores, uma área interna, com pátios e corredores, e uma área externa com horta, campo de futebol, praça, garagem, 10 banheiros, sendo 2 para os professores e 8 para os alunos e 21 salas de aula. Além disso tem vários bebedouros distribuídos por diversos lugares da escola, uma caixa d'água, um refeitório, uma cozinha, uma dispensa e uma biblioteca. Possui ainda um amplo ginásio poliesportivo e uma sala de multimídia e laboratório de informática com 32 computadores.

FOTO 2- SALA DE VÍDEO E LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA



Fonte: Da autora, 2014.

O corpo discente está distribuído em 500 alunos do ensino fundamental, 1.143 do ensino médio e 327 no EJA. Os alunos ainda estão distribuídos em 63 turmas nos turnos manhã, tarde e noite, sendo 21 turmas por turno. Das 21 turmas da noite 6 são destinadas a Educação de Jovens e Adultos.

O corpo docente é composto de 88 professores, na sua grande maioria são especialistas, sendo 8 professores da disciplina de Geografia distribuídos nos três turnos.

. E em relação ao número de funcionários, entre profissionais de educação e equipe de apoio, a gestão escolar informou o seguinte quantitativo

QUADRO 02 - FUNCIONÁRIOS DO EEMOAP	
CARGOS	NÚMEROS DE FUNCIONÁRIOS
Diretor	01
Vice-Diretores (as)	02
Secretário	01
Coordenadores Pedagógicos	0
Supervisores	0
Psicólogo	01
Assistente Social	0
Agentes Administrativos	24
Auxiliar de Serviços Gerais	16
Merendeiras	03
Porteiros/ Vigias	03
Bibliotecários	0

FONTE: Da autora, 2014.

4. 2 Relato sobre a regência no estágio supervisionado

A fase da regência é um momento muito especial na vida do futuro docente. Viver a práxis pedagógica no ambiente escolar é uma oportunidade que merece ser aproveitada com toda dedicação possível. O relato que será apresentado trata exatamente da experiência de vivência do Estágio Supervisionado no momento de regência das aulas.

A essa vivência ocorreu na turma do 2º ano do ensino médio do turno da noite no EEMOAP em Sapé. Essa turma era composta por 39 alunos e foram regidas 5 aulas, em 4 dias. O professor responsável foi o senhor Edson de Oliveira Moraes, que deu toda assistência no momento do Estágio Supervisionado.

Antes de reger as aulas foi feito a observação de aulas no ensino médio, bem como, procurou-se conhecer a escola hospedeira e dialogar com a gestão, os professores e funcionários. Isso porque segundo a orientação da professora do componente curricular e os

autores já citados anteriormente são atitudes importantes para a realização de um bom Estágio Supervisionado. Assim foi feito entrou-se em contato com a escola para conhecer um pouco do seu funcionamento e especificamente com os professores procurando conhecer as práticas e experiências destes que atuam na área da docência.

Além de conhecer a escola e seu cotidiano, outra atitude de suma importância dialogar com o professor regente da turma, Edson de Oliveira Moraes. Ele pode repassar informações importantes sobre a turma e sobre o contexto no qual ela está inserida. O professor ainda orientou a respeito do conteúdo a ser abordado seguindo o que estava previsto em seu plano de ensino e realmente dando o espaço e o apoio para que a regência ocorresse da melhor forma possível.

Em acordo com o professor regente foi escolhido o tema “As indústrias e o espaço geográfico”. Nesse sentido o objetivo foi mostrar como as indústrias influenciam a configuração do espaço geográfico mundial. Para tanto procurou-se abordar de forma mais próxima possível da realidade conhecida e vivida pelos alunos.

1º dia de regência

O primeiro dia de regência foi em 26 de novembro do ano de 2014. Nesse dia a regência foi de duas aulas. Inicialmente foram feitas as apresentações pessoais. Foi possível sentir que os alunos estavam um pouco introspectivos. Mas, ao começar uma conversa informal sobre o conteúdo, apresentar o que seria abordado, sondar se eles sabiam alguma coisa sobre o tema, eles aos poucos foram participando e dando suas opiniões, demonstrando a vontade de aprender sobre o tema proposto, mesmo que eles não soubessem muito sobre o assunto segundo o que eles mesmo disseram.

Primeiramente abordou-se a categoria de análise espaço geográfico. Isso porque é importante que os alunos entendessem que as configurações atuais do espaço é produto das relações dos homens com a natureza. As transformações que ocorrem nesse espaço são de origem natural e de origem antrópica, pois, os homens por meio de sua inteligência e do seu trabalho alteram constantemente esse espaço.

Depois que se discutiu a questão do espaço geográfico cada vez mais os alunos passaram a participar da discussão temática porque mostrou-se esse processo de desenvolvimento do espaço geográfico a partir da realidade da cidade de Sapé-PB. E dando continuidade discutiu-se o papel das indústrias nesse processo.

Então foram propostas perguntas sobre quais algumas indústrias que tínhamos em nossa cidade, qual a importância delas no município e que mudanças elas ocasionaram no

espaço geográfico do município. E para encerrar aula foi proposta que eles respondessem o que eles entenderam da aula de forma dissertativa e foi entregue uma apostila explicando o conteúdo para que eles pudessem ler e discutir posteriormente.

A avaliação dessa aula foi realizada através da observação atenta da participação dos alunos. Uma das dificuldades mais perceptível foi que eles levaram muito tempo para poder responder à questão dissertativa embora tenham mostrado ter compreendido o que foi explicado, não conseguiam articular as ideias em forma de texto. Se fez necessário a prática da mediação, como já foi falado aqui nesse trabalho.

Nessa aula foi possível aprender que nem tudo está no planejamento acontece como está previsto. O processo é dinâmico e não pode ocorrer de forma estática, ou seja, seguindo um roteiro linear. O plano de ensino e o plano de aula que são os principais instrumentos de organização do trabalho docente devem ser dinâmicos e flexíveis. Outro elemento importante que foi percebido durante essa primeira regência é que quando se assume o papel de professor a responsabilidade é muito grande. A pessoa que assume essa função tenta fazer de tudo para que o aluno possa compreender o que está abordado.

E por último percebeu-se que o professor tem que ter a habilidade de mediar o processo e não o controlar como algo fechado. Quando os alunos estavam produzindo a atividade proposta foi visto a importância de orientar e de incentiva-los, sem tirar deles a liberdade de produzir suas reflexões subjetivas. O professor nesse sentido é o profissional que vai indicar os caminhos e orientar a caminhada, deixando o aluno colocar sua marca naquilo que está sendo produzido.

2º dia de regência

O segundo dia de regência ocorreu em 27 de novembro de 2014 dando continuidade a abordagem sobre o tema “Industrialização Mundial”. Inicialmente o tema foi exposto por meio de projetor de imagem (Datashow) em formato de slides do PowerPoint. Nesse dia abordou-se a questão da distribuição geográfica das indústrias, ou seja, como uma indústria resolve se instalar numa determinada cidade, estado ou país. Falou-se em concentração industrial e empresas multinacionais e transnacionais.

Dando prosseguimento o passo seguinte foi dividir a sala em 6 grupos e a cada grupo entregar aos alunos vários folhetos de supermercado para que cada grupo escolha um produto para pesquisar no laboratório de informática informações como: quem é o seu fabricante; em que país está localizada a matriz da indústria; em quais lugares a mesma possui filiais e se a mesma trabalha dentro dos pressupostos da sustentabilidade. Foi pedido a eles que anotassem

as informações em seus cadernos para que depois pudessem apresentar para a turma as descobertas deles.

No início da pesquisa foi um pouco difícil conter a agitação deles, pois, percebe-se que tudo de diferente da aula tradicional leva-os a animação e euforia. Talvez porque eles não vejam essas novas formas de atividades pedagógicas como aula propriamente dita, então toda aquela tensão de estar numa sala de aula é diminuída. Por ser uma aula geminada (duas aulas seguidas) contribui para uma boa exposição do conteúdo sem pressa e com muito diálogo.

Nessa aula alguns pontos foram importantes para a reflexão de um futuro docente. Primeiramente a linguagem utilizada para expor o conteúdo e método de exposição devem cada vez mais contar com a participação do aluno, pois, é para ele que é preparada a aula. Os alunos devem sentir-se importantes na construção de um conhecimento coletivo. Isso faz com que eles se envolvam mais com as aulas e façam questionamentos que muitas vezes os próprios professores não tinha parado para pensar.

O segundo ponto é o incentivo a pesquisa pessoal ou em grupo dependendo do momento e dos recursos. Se o aluno pesquisa ele descobre informações valiosas que não tem como o professor citar nas aulas por conta da infinidade de informações sobre aquele conteúdo. Mostrar que a pesquisa não é para conseguir pontos, mas para adquirir mais conhecimentos e colaborar no processo de ensino-aprendizagem com as descobertas que cada um faz e que expõe para a sua turma.

O primeiro dia foi desafiador, pois, naquele momento os alunos ficam tímidos e quase não falam, mas com o passar do tempo eles vão se expressando e começam a mostrarem a sua personalidade. Já o segundo dia quando os alunos já conhecem o estagiário eles não se preocupam tanto em manter o comportamento da aula passada. É preciso que o estagiário esteja preparado para esses momentos de conseguir manter os alunos integrados a aula. Por isso, nessa aula procurou-se expor de forma dialogada e interativa o tema e depois fechando com atividade em grupo para que eles interajam entre si.

3º dia de regência

O terceiro dia de regência aconteceu em 28 de novembro de 2014 com a continuidade do conteúdo trabalhado. Essa aula foi cedida por um professor de outra disciplina porque a carga semanal já tinha sido dada. Nessa aula a dinâmica foi diferente, pois, primeiro se pediu aos grupos que redigissem um texto falando das indústrias que eles pesquisaram na aula anterior (local de origem, filiais, se segue os ditames da sustentabilidade etc). Essa produção deveria ser pessoal, mas é claro com as informações que os grupos levantaram, logo eles

tiveram que se juntar e cada um contribuir um pouco com os colegas, tornando a aprendizagem colaborativa.

Inicialmente houve certa resistência pelo motivo da atividade não ser para a nota. A ideia que muitos têm ainda é a de só fazer determinada atividade se for ser gratificado com pontos para nota. Essa é uma cultura que atrapalha o processo de ensino-aprendizagem. Por isso durante um pequeno tempo da aula procurou-se conscientizar os alunos acerca da importância de procurar aprender constantemente.

A partir de então os alunos passaram a se esforçar para cumprir a atividade. Eles começaram a discutir o que tinham anotado na aula passada e cada um ajudava seu colega a fazer o texto. Alguns até se aproveitaram da situação e não se esforçaram tanto, pois, obtinham as informações com outros colegas de forma errada, ou seja, apenas copiando o os mesmos estavam produzindo.

No segundo momento da aula pediu-se aos integrantes de cada grupo que de forma breve e objetiva socializem com os demais as informações obtidas com suas pesquisas lendo os textos produzidos por eles. Apenas alguns se dispuseram a fazer isso, pois, demais tiveram toda uma resistência. Apesar disso foi muito proveitoso a exposição do que eles descobriram e a ligação com que eles estavam aprendendo.

Durante a apresentação o professor fez anotações para posterior avaliação. Mas, foi possível perceber um pouco de progresso dos alunos que nos deixou muito felizes. Ver que eles estavam entendendo o que estava sendo trabalhado, ou seja, o tema escolhido foi de grande valia para a motivação no estágio. Perceber que o trabalho realizado está dando fruto é muito bom, apesar das dificuldades e desafios.

Essa aula foi um pouco corrida devido a alguns problemas como convencer o professor da outra disciplina a ceder a aula, trabalhar a motivação dos alunos para cumprirem a atividade proposta e ouvir cada um dos que se propuseram a expor o que foi produzido. Novamente a avaliação se deu pela observação da participação dos alunos, nos progressos realizados e nas dificuldades de realizar a escrita e a leitura do texto.

O que também foi observado foi que muitas vezes os alunos necessitam de motivação ao invés de bronca. O professor deve fazer com que o seu discurso não desanime mais ainda que vem estudar em especial a noite. Por esse motivo que a conversa no início da aula não foi com o objetivo de obrigar os alunos a fazerem a atividade proposta, mas de fazer eles perceberem que a importância de a fazer e o que eles iriam aprender por meio dela.

4º dia de regência

No último dia da regência ocorreu em 02 de dezembro de 2014. Inicialmente foi realizada uma dinâmica em grupo, levando fotografias de produtos industrializados e não industrializados para que fosse identificado por eles e algumas marcas internacionais de empresas famosas para eles comentarem. Eles falaram de alguns produtos e de como são difundidos no mercado, além de aplicarem seus conhecimentos construídos nas aulas.

Em seguida fizemos uma rápida revisão do conteúdo trabalhado com dirigindo perguntas aos alunos. As perguntas eram fáceis e serviam de “gancho” para revisar alguns conceitos e ideias trabalhados nas aulas anteriores. Eles participaram muito bem respondendo as questões e dizendo do que eles lembravam.

Por último foi proposto um pequeno exercício de fixação de cinco questões para que eles registrassem as respostas no seu caderno e para eles mesmo perceberem o quanto eles tinham aprendido e o quanto eles vinham progredindo. Assim foi feito sem nenhuma resistência por parte dos alunos que mostraram que realmente tinham desenvolvido a compreensão do conteúdo trabalhado ao longo das aulas.

Ao final da aula foram feitas as últimas considerações acerca do assunto e os agradecimentos aos alunos que colaboraram muito para o bom desempenho da regência e do estágio como um todo, ao professor regente da turma que apoio muito com suas orientações e sua experiência todo o estágio. Os alunos também manifestaram sua satisfação pelo tempo que estivemos juntos e alguns inclusive se disseram tristes porque o estágio tinha terminado e finalmente foram feitas as despedidas e assim encerrou-se as regências.

Essa aula teve como principal objetivo encerrar a abordagem do conteúdo e verificar se realmente os alunos compreenderam o que ali foi discutido e trabalhado. É de certa forma uma avaliação, mas não no sentido mais propagado que é o teste, mas, que procurava conhecer os avanços e as dificuldades dos alunos e também avaliar a prática pedagógica desenvolvido ao longo do estágio.

4. 3 Algumas reflexões sobre a experiência do Estágio Supervisionado vivenciado no EEMOAP

O Estágio Supervisionado foi um momento muito especial no curso de Geografia e deu realmente um vislumbre do que é a docência e suas nuances. No caso desse trabalho foram relatadas algumas experiências de regência que foram planejados e executados a partir de um tema muito interessante e bem presente na sociedade atual, a questão das indústrias na configuração atual do espaço geográfico mundial.

O primeiro ponto para ser refletido é a intencionalidade de se trabalhar um determinado tema. A escolha dos conteúdos é sempre intencionalmente influenciada segundo o que cada professor considera mais ou menos importante. O tema escolhido não foge essa regra, o professor regente indicou esse conteúdo

Tanto o tema “indústria” quanto o tema “espaço geográfico”. Esse espaço é marcado pela ação humana e as indústrias são exemplos dessa construção e dinâmica espacial. Esses temas casaram muito bem, tendo em vista que a cidade de Sapé-PB é um polo econômico da microrregião. A intenção era trabalhar conteúdos relacionados ao cotidiano, ou seja, partir da relação na realidade do espaço geográfico onde eles estão inseridos.

Outro ponto importante é a preparação para reger aulas. O momento do planejamento é muito importante e essencial para uma boa regência. Por isso inicialmente foi feito um plano de aula, com a orientação do professor regente da escola e através de uma breve observação da turma e do espaço e organização da escola no turno da noite. A dificuldade nessa fase é formular um plano adequado a turma, pois, cada turma e cada aluno tem suas especificidades.

Um dos pontos importantes do plano foi a questão da sondagem dos alunos através de um diálogo inicial, onde foram feitas algumas indagações sobre os conteúdos e a relação deles com a realidade espacial onde eles estão inseridos. No princípio a turma ficou um pouco tímida, mas aos poucos a comunicação passou a fluir de forma espontânea. Percebe-se nesse caso a importância de incentivar o aluno a participar e não apenas ficar fazendo a exposição oral do conteúdo.

É importante ressaltar o papel do professor regente da escola, que tem grande importância durante o estágio, pois, ele se torna uma ponte entre a universidade e a escola de Educação básica. O professor Edson muito contribuiu nesse processo dando suas orientações e acompanhando as aulas de regência de maneira observadora. Essa atitude é de suma importância para dar segurança ao estagiário.

Na questão da vivência regência alguns sentimentos surgiram fortemente. Um deles foi o medo de não fazer direito, ou seja, de formular um bom plano de aula ou de não executar bem. Aquele momento é ímpar e por isso o estagiário quer que ele seja o melhor possível. Acaba criando-se uma expectativa ou várias expectativas, trazendo à tona um mister de ansiedade e vontade de fazer o melhor.

Um sentimento que também surge durante o estágio de regência é o de decepção quando alguma coisa dá errado. No entanto é muito difícil que tudo ocorra da forma prevista, pois, durante o tempo do estágio algumas contrariedades vão surgindo. Algumas coisas vão dando errado e aquilo que estava previsto no seu planejamento vai tendo que ser adaptado a cada situação daquelas.

Devemos levar em consideração que as vezes ocorre algo na escola que atrapalha o andamento previsto. Isso serviu de aprendizado também, pois, por mais que um professor prepare suas aulas da melhor forma possível irão surgir algumas eventualidades na vida da escola, dos companheiros de docência ou mesmo na dele próprio, que inviabilizarão os que estava previsto no plano de aula. É por isso entender que o plano de aula ou de ensino não podem ser fechados, pois, muitas coisas podem acontecer e o professor tem que saber adaptar seu plano com aquilo que se pode fazer, sem perder a essência e sempre persistindo em alcançar os objetivos propostos.

A prática da regência de aula pode mostrar um pouco dos desafios da prática docente. A cada aula regida é possível perceber o quão complexo é realizar o trabalho docente e como é necessário que o professor esteja numa formação contínua, pois, várias são as situações desafiadoras que aparecem durante as aulas.

Para enfrentar tais situações o professor deve estar bem preparados. Mas, não apenas a preparação acadêmica. É necessário a experiência com situações reais e vividas in loco. Por isso o papel tão importante do Estágio Supervisionado. A cada aula novas situações eram vivenciadas e em vários momentos inusitados ocorrem. Algumas vezes não se consegue alcançar os objetivos específicos daquela aula. Mas, é necessário sempre repensar as práticas docentes e reconstruí-las quando necessário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos momentos mais especiais e essenciais da formação docente inicial é o momento do Estágio Supervisionado. É nesse componente curricular que o licenciando vai perceber as sutilezas e nuances que estão presentes na prática docente.

A vivência do estágio na escola EEMOAP possibilitou exatamente isso, o aprender com todos os sujeitos desse espaço. Desde a visita para conhecer a escola até o término das regências foi possível aprender através diálogo com as pessoas e com cada experiência vivenciada em sala, bem como, nos momentos fora dela.

A observação das aulas serviu de aprendizado para a preparação da regência. Foi naquele momento que se começa a perceber os diversos vieses da escola, da prática docente e da relação com os alunos. Foi possível perceber que é desafiador trabalhar com jovens e muitas vezes as metodologias de ensino estão distantes da realidade de quem é o centro do processo ensino-aprendizagem que é o aluno.

O momento da regência mostrou que são muitos os desafios do ensino de Geografia na era tecnológica na qual as informações são transmitidas rapidamente. A prática docente não pode mais ser aquela baseada na tendência tradicional, pois, os alunos devem se sentir motivados a participar das aulas e não apenas participar para ter a frequência. Para tanto é preciso ao professor ter consciência de seu papel.

Foi um momento especial de aprendizado, que podemos experimentar a prática docente e refletir sobre ela, sem esse momento não teríamos noção da sua complexidade pois estar no papel do professor exige uma preparação antes, durante e depois.

Tentou-se nas aulas regidas quebrar essa ideia da Geografia desconectada da realidade do aluno e descompromissada com o social e o político. As reflexões mediadas na sala de aula tiveram como objetivo trabalhar o conteúdo, não partindo do livro didático ou de algum outro material didático, mas partindo do diálogo. Isso contribuiu para os alunos de envolvessem mais com as aulas.

Nesse sentido compreendeu-se que o processo que acontecia ali era dialético, pois, ao mesmo tempo que se ensinava também se aprendia e cada participação dos alunos acontecia o mesmo com eles. O que aconteceu no espaço da sala da aula ensinou que nunca estamos preparados totalmente e isso é bom porque nos faz buscar melhorar sempre a nossa prática pedagógica. Tornando o processo ensino-aprendizagem real e não a ilusão da memorização,

das fórmulas prontas e acabadas ou do modelo de professor dono do conhecimento e por isso infalível.

É no momento do Estágio Supervisionado que o futuro docente aprende com a prática aquilo que é necessário para realizar o trabalho docente de qualidade. Por isso é necessário aproveitar cada instante e dar o melhor de si e não ver as regências apenas como algo obrigatório para conseguir a nota necessária do componente curricular. No estágio muito se aprende e muito se descontrói, pois, a medida que se pratica a docência muitas das concepções relacionadas a elas que foram preestabelecidas são desconstruídas e percebe-se que esse processo é muito mais complexo.

Por fim é possível afirmar que o ensino da Geografia deve ser continuamente repensado para que mudanças possam ocorrer para a melhoria do ensino. Metodologias didáticas como a aula de campo, como o uso das novas tecnologias para chegar aos alunos e principalmente o diálogo e troca de conhecimentos, podem e devem estar presentes nas aulas de Geografia possibilitando a aproximação da realidade vivenciada pelos alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia**. Editora Marco Zero Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2015.

ARAUJO, Roberto da Silva. **Reflexões sobre Estágio Supervisionado no Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho-Guarabira/PB**. Monografia de Graduação. UEPB: 2012.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece **as diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília : MEC, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. – Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Volume 3. Brasília, 2006.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia no ensino médio. Terra Livre, São Paulo, v. 14, p. 56-89, 1999. Disponível: <http://agb.org.br>. 25-03-2017.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica**. In: Eliana Maria Barbosa de Moraes; Loçandra Borges de Moraes. (Org.). Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de geografia. 1ed.Goiânia: Editora Vieira, 2010, p. 39-58.

CASTELLAR, SONIA MARIA VANZELLA. **A formação de professores e o ensino de Geografia**. Terra Livre, p. 51, 1999. Disponível: <http://agb.org.br>. Acesso: 24-03-2017.

CASTELLAR, SONIA MARIA VANZELLA. **Educação Geográfica: formação e didática**. In: Eliana Maria Barbosa de Moraes; Loçandra Borges de Moraes. (Org.). Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de geografia. 1ed.Goiânia: Editora Vieira 2010, p. 15-37.

CASTROGIOVANI, Antônio Carlos. **Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de Geografia na pós-modernidade**. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André. Geografia. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERRETI, Eliane. **Geografia em ação: Práticas em climatologia**. 2 ed. Curitiba: Ayamará, 2012.

MILANESI, I. **Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares**. Educar em Revista (Impresso), v. 46, p. 209-227, 2012. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/er/n46/n46a15.pdf>.

OLIVEIRA, Janete Regina de. **Práticas de ensino: diálogos com estágio supervisionado e disciplinas específicas**. Revista eletrônica de geografia Territorium Terram, p. 15-23, 2014. Disponível: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/territorium_terram/article/view/791. Acesso: 24-03-2017.

LIBÂNEO, José C.; TOSCHI, M. S. ; OLIVEIRA, João Ferreira de . **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais**. Eccos Revista Científica, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 79-88, 2002. Disponível em: http://www.luckesi.com.br/textos/art_avaliacao/art_avaliacao_eccos_1.pdf. Acesso: 31/02/17.

OLIVEIRA, Marlene Macário de. **A Geografia Escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino**. Revista Aluno Expressões Geográficas. Florianópolis–SC, n. 02, p. 10-24, 2006. Disponível em: <http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed02/artigo01.pdf>. Acesso: 24-03-2017.

SCANDELAI, Nátalie Rocanclagia. Planejamento. In: Passini, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALISZ, Sandra T (organizadores). **Práticas de Ensino de geografia e Estágio Supervisionado**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SAIKI, Kim. GODOI, Francisco Bueno. A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. In: Passini, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALISZ, Sandra T (organizadores). **Práticas de Ensino de geografia e Estágio Supervisionado**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Wandson do Nascimento. Uma abordagem sobre a vivência de estágio no Centro Educacional Osmar de Aquino- Guarabira/PB. Monografia de Graduação. UEPB: 2012.

PASSINI, Elza Yasuko. Convite para inventar um novo professor. In: Passini, Elza Yasuco; PASSINI, Romão; MALISZ, Sandra T (organizadores). **Práticas de Ensino de geografia e Estágio Supervisionado**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. Prática de ensino e o estágio supervisionado enquanto mediação entre ensino, pesquisa e extensão. Revista Eletrônica de Pedagogia, São Paulo, aV, n. 10, 2007. Disponível:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/apraterstagiosuperv.pdf. Acesso: 12-04-16.

VESENTINI, José Willian. Repensando o Ensino da Geografia para o Século XXI. São Paulo: Plêiade, 2009.